

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano II | Volume 4 | Nº 12 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4252698>



## A LÓGICA COMPOSICIONAL DOS SONHOS DO TERCEIRO REICH: UMA EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA

Caio César Costa Santos<sup>1</sup>

### Resumo

O que há por trás da lógica dos sonhos? Esta é a temática central deste artigo. Partindo-se da obra: *A interpretação dos sonhos* de Freud ([1900] 2014), pretendo assinalar alguns pontos no tocante à lógica composicional que há por trás dos sonhos. Esta, portanto, é a primeira parte do presente artigo. Na segunda parte, pretendo expor alguns relatos de sonhos do Terceiro Reich capturados por Charlotte Beradt ([1966] 2017) na obra *Os sonhos no Terceiro Reich*. O leitor perceberá como estes relatos de sonhos são tão vívidos, realísticos e, ao mesmo tempo, sombrios e premonitórios. Com a análise destes sonhos, concluo que os sonhos são a porta de entrada para compreender os paradoxos e as possíveis relações com o mundo real do sonhante. E, por fim, saliento que a lógica dos sonhos é possivelmente errática e difusa, embora seja possível interpretar os sonhos partindo-se desta apreensão errática das imagens oníricas.

**Palavras chave:** Lógica. Sonhos. Terceiro Reich.

### Abstract

What's behind the logic of dreams? This is the central theme of this paper. Starting from the work: *The interpretation of dreams* by Freud ([1900] 2014), I intend to highlight some points regarding the compositional logic behind the dreams. This, therefore, is the first part of this paper. In the second part, I intend to expose some reports of dreams of the Third Reich captured by Charlotte Beradt ([1966] 2017) in the work *The dreams in the Third Reich*. The reader will notice how these dream reports are so vivid, realistic and, at the same time, dark and premonitory. With the analysis of these dreams, I conclude that dreams are the gateway to understand the paradoxes and possible relationships with the real world of the dreamer. Finally, I emphasize that the logic of dreams is possibly erratic and diffuse, although it is possible to interpret dreams based on this erratic apprehension of dream images.

**Keywords:** Dreams. Logic. Third Reich.

“Quem, andando pela rua, resolver pensar  
Deverá ser fuzilado sem tardar  
Quem, por gestos, semear reflexão  
Deverá ser castigado sem perdão”

Recomposição criada em sonho do poema:  
“lembranças dos dias de terror em Krahwinkel, de Heine.

## INTRODUÇÃO

Para Freud (2014), o sonho é a via régia para o inconsciente. Não há, portanto, um outro componente biológico que seja capaz tão fortemente de produzir conteúdos psíquicos inconscientes como o fato de sonhar. O sonho inicia-se no presente com o mapeamento do dia anterior e se conecta com os desejos mais antigos e obscuros, dentre eles, o desejo recalcado. Em todo ato de sonhar, a

<sup>1</sup> Psicanalista e especialista em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email para contato: [caio-costa@live.com](mailto:caio-costa@live.com)



dimensão do pensamento atinge o estatuto de imagens. Neste sentido, o sonho nada mais seria do que um filme privado. A síntese do processo de sonhar é a seguinte: numa lógica composicional, os pensamentos passam a ser comprimidos, eles mudam de estatuto, tornando-se imagens. Estas imagens representam deformadamente aquilo que era a massa dos pensamentos desejantes.

Este artigo está dividido em duas partes. A primeira tratará da composicionalidade e tonalidade dos sonhos da psique humana. 1) Como os sonhos são construídos? 2) Qual dinâmica existencial está por trás deles? 3) Há temporalidade no sonhar? 4) Como o espaço é visto no sonho? 5) A sensação de um objeto ou uma coisa externa pode desencadear sonhos distintos? 6) O que são alucinações hipnagógicas? 7) O que são sonhos hipermnésicos? Para tentar responder a estes questionamentos, eu revisito a obra monumental de Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, publicado originalmente em 1900. Além disso, exponho também o pensamento do filósofo francês Henri Bergson, contemporâneo e leitor de Freud, que contribuiu bastante para o entendimento dos sonhos em nossa vida.

Na segunda parte deste manuscrito, trataremos da interpretação dos sonhos do Terceiro Reich. Para a análise destes sonhos, escolhi o livro da alemã Charlotte Beradt denominado *Os sonhos no Terceiro Reich*. Beradt foi uma jornalista, amante da literatura, leitora de Orwell e Kafka. Este seu livro é resultado de uma vasta pesquisa na qual ela colheu cerca de trezentos relatos de sonhos na época do Terceiro Reich. Perceberemos como estes sonhos são tão vívidos, realísticos e intensos. Surpreendentemente, os sonhos dos alemães relatados no livro por Beradt *antecipam* os próximos capítulos da ascensão do nazismo. Estes sonhos foram capturados entre 1933 e 1939. Na tentativa de analisar estes sonhos, o leitor poderá perceber o claro desejo dos alemães, àquela época, de se adaptar, de fugir ou mesmo de não estar naquela situação. O desejo de escapar-se, a angústia, o medo, o sofrimento psíquico, a neurose obsessiva, os delírios, as alucinações, etc, são apresentados nestes sonhos. Todos estes aspectos provocados pela disseminação do ódio, a fúria e ascensão do nazismo. Ler o livro de Beradt nos convoca para uma reflexão contundente: a de que até nos sonhos a psique humana não está imune à perpetração da inevitável passagem de um tempo profundamente sombrio. O objetivo é analisar estes sonhos partindo-se da metapsicologia de Freud, contribuindo para uma melhor compreensão deste evento que se tornou no mundo todo conhecido.

## DA COMPOSICIONALIDADE E TONALIDADE DOS SONHOS DA PSIQUE HUMANA

Christian Dunker, renomado psicanalista brasileiro reconhecido por vários prêmios, entre eles, o prêmio Jabuti, disse certa vez que os sonhos são como uma obra de arte que o sonhante cria com sua memória, imaginação e desejo. Partindo desta perspectiva até certo ponto “pictórica”, penso que o sono



é o quadro e o sonho a pintura. Ou seja, no ato de dormir, “enquadramos” as representações mentais no teor limítrofe da massa significativa dos sonhos, sendo estas representações, imagens pertencentes ao cotidiano, à vida ordinária. Já temos às nossas mãos o quadro, falta imaginar a pintura. Durante o percurso de “pintar” o quadro, começamos a imaginar associações arquetípicas com o mundo externo, a formar personagens, vivências, coisas, a contornar o espaço da pintura animicamente; todos estes aspectos não se dissociam do mundo vivido pelo sonhante. À medida que passamos a incorporar as imaginações do sonho, nos inserimos completamente nele, deixando provisoriamente o espaço sensório-motor de percepção nítida das coisas presentes e passando a nos concentrar amplamente na imensidão do espaço anímico do sonhar.

Os sonhos em si têm uma estrutura de ficção como se fosse uma sucessão de imagens que se combinam uma à outra, formando um filme dinâmico. Uma cor, a nitidez de um objeto ou a fisionomia de um rosto podem evocar recordações que sucintamente vão se complementando uma à outra, formando, apesar de uma aparente ilusão, uma teia significativa. Podemos dizer que os sonhos em si são “alimentados” por lembranças, que é a sua matéria psíquica por excelência, as quais se perfazem continuamente num jogo de relações simbólicas. A confecção destas lembranças pode ser atuais, bem como antigas. Tudo vai depender da associação dos elementos oníricos com outros tantos elementos. Eu posso sonhar em uma noite de verão lembrando as recordações de um passado recente, como também posso sonhar com um gato preto que, no futuro, compartilhará um lugar na minha casa. Assim como, posso sonhar também com documentos, folhas, papéis fazendo repercutir que no dia seguinte eu precisarei preenchê-los para a vaga em um concurso almejado.

O sonho é, por natureza, anímico. Nós, evidentemente, não sonhamos em preto e branco, nem com imagens distorcidas do real, embora o sonho seja puramente uma ficção. Eu posso sonhar com fadas, cavalo com asas, unicórnio, mas devemos levar em consideração que estas imagens do sonhar possivelmente já foram arquetipicamente vistas durante a percepção do mundo real. Ou seja, em algum momento da minha vida eu já ouvi falar ou observei em filmes estas criaturas fantásticas. O limite do sonho é, porventura, a imaginação do sonhador. Mas, creio que as imagens percebidas no sonho tem algum tipo de relação com o mundo ordinário, mesmo que estas imagens sejam fragmentos do mundo imaginado. Mesmo assim, há uma relação, em seu todo, com o mundo exterior. É fato que à medida que crescemos, vamos deixando de lado certos pensamentos efêmeros sobre os dados da vida e, na idade adulta, com o amadurecimento espiritual, já não sonhamos mais com aquelas criaturas fantásticas que mencionei porque, por experiência, sabemos que elas não existem.

À medida que envelhecemos, é o real em si que nos surpreende exatamente com sua composicionalidade e tonalidade próprias. A extensão do sonho é a extensão do mundo. Fomos lançados



ao mundo e é exatamente partindo-se deste mundo que passamos a sonhar. O limite do meu sonho é o limite do meu mundo, com suas distorções, acréscimos, nuâncias e paradoxos. O artista que cria e pinta a obra não tem o mesmo olho que o espectador. Por detrás de cada subjetividade, há um universo que se abre bem além de nossos olhos. Logo, a vivência do artista não é a vivência do mero espectador. Dois mundos se abrem, duas visões se dilatam, duas consciências se expandem. O mesmo acontece com o sonho. Se o que eu vivi é único e singular, conseqüentemente, aquilo que eu sonho tem uma experiência sensível consciente pessoal. Há sonhos parecidos, pode-se sonhar com a mesma coisa, mas, de todo modo, não é o mesmo sonho em sua completude. Neste sentido, os elementos oníricos podem se dissociar: porque a casa que eu vi no sonho não é a mesma casa que o outro sonhou. O espaço e o tempo não são os mesmos, nunca serão, porque justamente a subjetividade jamais foi a mesma.

Henri Bergson no livro *A energia espiritual* dedicou um capítulo ao sonho. Ele diz: “as lembranças que minha memória conserva assim em suas mais escuras profundezas se encontram em estados de fantasmas invisíveis” (BERGSON, 2009, p. 95). Mas, o que esta citação tem a ver com o sonho? Quando Bergson descreve que a atividade psíquica “produz” “fantasmas invisíveis” é que estes fantasmas são nada mais que lembranças muitíssimas antigas que o sonhante não consegue discernir de qual lugar pertence esta recordação ofuscada da memória. No sonho e somente no sonho, é possível encontrar as lembranças que estavam aprisionadas no inconsciente, aquela lembrança de cuja recuperação só se dá muito tempo depois em associação com outros elementos oníricos que as fazem reaparecer. Não sabemos explicar ainda como isto acontece, ou seja, como, já na idade adulta, eu consigo recordar de uma luva que há muito tempo estava empoeirada dentro da gaveta no porão. Inesperadamente, estas lembranças-fantasmas surgem à nossa consciência, sem sabermos exatamente qual é a sua origem.

A nossa perspectiva sobre o sonho assemelha-se com a perspectiva de Bergson. Segundo ele, “o nascimento do sonho nada tem de misterioso. Nossos sonhos elaboram-se mais ou menos como nossa visão do mundo real” (BERGSON, 2009, p. 97). O sonho em si não tem nada de sobrenatural, como se fosse uma coisa estranha que chega a ser incognoscível. Ao contrário, quando Bergson diz que o processo do sonhar é mais ou menos idêntico à vivência no mundo real, ele quer dizer que as imagens do sonho terão o mesmo teor significante do mundo natural pelo simples fato de ser uma experiência cognoscitiva consciente. O mundo real difere um pouco do mundo dos sonhos porque algumas associações são estabelecidas de modo inconsciente, ou seja, as relações entre elementos oníricos não seguem sempre uma continuidade perceptiva consciente, estas relações no sonho normalmente se apresentam como fragmentos em sua maioria desconexos e virtuais. E, por serem naturalmente virtuais, não segue uma lógica composicional preponderantemente fixa e imutável. Ao contrário, as imagens do



sonho refletem um conteúdo que em parte se encontra consciente e em parte se encontra recalcado. Este conteúdo recalcado é como os fantasmas invisíveis que Bergson observou e tecemos sobre anteriormente. Ou seja, aquilo que está há muito tempo escondido nas profundezas da memória, pode voltar com o sonho.

O renomado neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro em seu livro *O oráculo da noite* nos desperta também para a conexão que há entre o sonho e a realidade. Para ele, “o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias” (RIBEIRO, 2019, p. 14). Em primeira instância, temos o mundo com sua estruturação geométrica e espaço-temporal. Em segunda instância, temos o sujeito que sonha uma realidade que nada mais é do que a revisitação ou a ressurreição do seu passado. Dentro desta ótica, não dá pra pensar um elemento onírico que não esteja de certo modo envolvido com a realidade aparente. Ao abrir os olhos, temos as sensações, os tons, os gostos, as percepções, os sentimentos. Ao fechar os olhos, temos as mesmas impressões destas coisas na vida onírica. Aquilo que pertence ao nosso sonho, pertenceu ao nosso passado. A consciência de uma subjetividade não está além do mundo real, mas dentro deste mundo. Não há como pensar ou imaginar uma coisa se eu não ouvir falar sobre ela, ou não a percepcionei na vida pregressa.

O contato imediato com o mundo faz construir sucintas experiências e, dentro desta experiência consciente, eu passo a construir pensamentos que, psiquicamente, se transformam em lembranças. O simples contato com o mundo me dar a força anímica para eu pensar uma coisa e sonhar com ela. A vivência típica do real reflete-se nas imagens do sonho. O que difere do mundo real é, na verdade, a inconstância do tempo no sonho que não encontra uma continuidade simétrica como a aparente cronologia temporal. Há uma dinâmica temporal no sonho, mas esta temporalidade não é nem uma mera sucessão de fatos, nem um aglomerado de imagens dispersas. Há, portanto, uma distinta e estranha temporalidade no sonho porque as representações oníricas se desfazem e se reconstituem, se mesclam e se interpolam. Neste sentido, podemos dizer, seguindo uma analogia de Freud, que o tempo no sonho é *neurótico* porque as relações de espaço e de tempo se dissociam a todo instante e que, por um momento, esta “explosão” de imagens oníricas passadas, futuras e presentes tem alguma coerência no mundo simbólico do sonho.

Neste caso, podemos dizer que o tempo é errático, pois ele se escoia no sonho como se fosse uma turbulência entre ondas nos mares. No sonho, nem sempre a noção espacial é a mais evidente como o é no mundo real. Muitas das vezes, o simples enquadramento de um objeto como uma porta no sonho toma toda a dinâmica significativa, prologando a imagem do objeto por muito tempo e escapando do todo espacial que o envolve. A imagem do espaço no sonho se apresenta como o rearranjo de objetos, seres e coisas que se justapõem em si. Ou seja, concentrar-se em um objeto qualquer desperta cada vez



mais lembranças com o dado objeto, colaborando para o esquecimento momentâneo do espaço como um todo. Queremos dizer com isto que a focalização de um dado objeto como uma porta no sonho desperta sucessivas associações com o mesmo objeto. O centro não é o todo espacial, mas a sucinta focalização do objeto. É como se fosse o enquadramento de uma câmera fotográfica ao focalizar um dado objeto; a câmera condensa-se toda ao ponto de captar somente aquele objeto. Quando no sonho, ao lado da porta, aparece um vulto, eu desfocalizo meu campo visual da porta e concentro-me no vulto; tudo isto sem perceber a dinamicidade e o movimento do espaço circundante.

No mundo real é diferente. O espaço como um todo nos envolve tão completamente que temos a ligeiríssima impressão de que, a um só movimento visual, condensamos o todo do espaço. É como se, no sonho, a imagem do espaço fosse mais fragmentada, restrita e unilateral. Mas, é como disse anteriormente, assim como o tempo, o espaço é errático. Se, na imagem onírica, tenho à minha frente um vulto atrás da porta, a percepção deste vulto em sonho pode me levar a outro contexto ou outra realidade visuo-espacial totalmente distinta. É por isso que eu disse anteriormente que o tempo no sonho é neurótico porque a relação de uma imagem com outra pode me levar a espaços visuais totalmente distintos. A imagem do vulto na porta pode me levar, em sonho, instantaneamente para o ambiente do meu quarto no qual, há tempos passados, eu vi o mesmo vulto com o mesmo rosto atrás da escrivaninha. O que podemos dizer é que esta imersão do tempo e do espaço é decididamente instantânea, muito veloz e precisa. As conexões espaciais e temporais no sonho são estabelecidas de acordo com nossa experiência subjetiva. Sendo assim, é o teor de cada lembrança em si evocada em sonho que determina o movimento enfático de sentido do espaço e do tempo.

Em alguns segundos, o sonho pode apresentar-nos uma série de acontecimentos que na vigília ocupariam dias inteiros. É neste sentido que podemos pensar que o sonho não segue uma cronologia específica de eventos: o sonho pode estar acontecendo numa certa porção do passado e, com um misto de sensação, pode agora apontar para ações no futuro como se fosse uma profecia ou até mesmo permanecer na percepção do presente quando sucintamente eu lembro em sonho que tenho uma prova pra fazer no outro dia. Há, portanto, um êxtase de eventos condensados, unidos e, ao mesmo tempo, dissociados. Um ponto importante é que, ao sonhar, não estamos totalmente destituídos da realidade aparente; continuamos, então, a sentir, a perceber, a ouvir o entorno espacial que nos envolve ao mundo externo. Diz Bergson (2009, p. 102) que “a sensação é encoberta pela lembrança”. Vamos supor que, quando eu fui dormir, eu deixei a lâmpada acesa por simples preguiça de se levantar da cama para apagá-la e que, ao dormir, eu sucintamente esqueci da tal lâmpada acesa. Pode ser que, em sonho, o sonhante se surpreenda com a luminosidade e a sensação de calor de uma vela queimando no canto da mesa. Este fato acontece porque o sistema sensório-motor do sonhante ainda se encontra em conexão





com a lâmpada acesa do quarto. É bem provável que, em sonho, o sonhante não lembre da tal lâmpada, pois está profundamente inserido na imagem onírica da vela se queimando.

O mesmo fato aconteceu com um dos pacientes de Freud o qual analisou seu sonho. O filho de um rapaz tinha morrido e o pai decidiu fazer toda a estruturação do velório. Já no velório do filho próximo ao corpo que velava havia uma dezena de velas. O pai, circunscrito a este ambiente, estava bastante sonolento e, de repente, pega no sono. Misteriosamente, o pai sonha que o corpo do seu filho que jaz no caixão tinha pegado fogo e acorda imediatamente. Desperto, ele percebe que uma das velas tinha caído no chão. Este episódio atesta o que Bergson nos disse: de que a sensação é encoberta pela lembrança. Não devemos confiar em todas as teorias, pois muitos estudiosos disseram que dormir consistia em isolar-se do mundo externo. Mas, mostramos, com base em Bergson que o sono não fecha nossos sentidos para as impressões externas, que recebe delas os materiais para a maioria dos sonhos. Neste sentido, o nosso espírito continua a funcionar durante o sono, ele se exerce sobre sensações e, tanto dormindo como acordado, combina a sensação com a lembrança que esta evoca. Como no caso da luz da lâmpada acesa no quarto, por mais que as pálpebras estejam fechadas, o olho ainda diferencia da sombra e reconhece, até um certo ponto, a natureza da luz.

Bergson tem um exemplo fantástico sobre o despertar de um sono. Ele diz: “a mãe que dorme ao lado do filho poderá não ouvir a trovoada, ao passo que o suspiro da criança a despertará. Estava ela realmente adormecida para com seu filho?” (BERGSON, 2009, p. 103). O que de fato podemos retirar deste exemplo é que não dormimos para o que continua a interessar-nos. A mãe possivelmente deita com o filho, mas, lá, em algum ponto específico de sua memória, ela está preparada para despertar se caso ouça algum minúsculo suspiro do bebê. A sensação do ruído ou do choro do bebê já é tão nítido para a memória da mãe, que o relampejar característico de dias chuvosos não é um aspecto que a fará acordar. Ainda assim, pode ser que, adormecida, a mãe possa sonhar com seu filho chorando ou engasgado, sendo que, subitamente, a mãe despertará. O ruir de um cachorro ou a sirene de carros na rua não vão acordar a mãe porque, como disse, a sua memória afetiva já consolidou a representação singular do choro do bebê. É como se, dentro dela, o ruído do suspiro do bebê já tivesse tomado conta de sua corporificação psíquica ao passo que outro som qualquer não a despertará.

Neste sentido, os estados afetivos da alma produzidos por uma estimulação como, no caso, o ruído do bebê, são característicos das sensações. Sensação no sentido de ser todo estado de alma que tem como causa imediata uma impressão física ou sensório-motora cuja impressão é imediatamente sinalizada pelo sistema nervoso. A sucinta ideia ou juízo do suspiro do bebê pela mãe já foi até certo ponto cristalizado em sua memória a ponto de, mesmo a longas distâncias, a mãe, ainda assim, conseguirá perceber o efeito do ruído do bebê em sua consciência. Metaforicamente, é como se fosse um





martelo martelando em sua consciência. Aquele som, pois, já é muito familiar para a sua percepção consciente. E mais familiar ainda se caso o bebê dormisse na mesma cama que a mãe. Qualquer movimento sucinto poderá conseqüentemente acionar a memória afetivo-espacial da mãe, provocando imediatamente uma resposta motora. Pode ser ainda que a mãe, dormindo e até sonhando, não tenha mais sensorio-espacialmente o contato do bebê próximo a si sendo que, neste caso, ela possa sonhar com algum objeto valiosíssimo caindo de sua cabeceira. Desperta e assustadorosamente, a mãe percebe que foi o bebê que caiu da cama. Saliento, porém, que este último caso é muito difícil de acontecer uma vez que, como dissemos, a mãe, dentro de si, já tem uma percepção interior largamente desenvolvida e bem definida acerca da composição do entorno espacial do bebê. Caso isto aconteça, foi uma pequena falha da memória, o que é muito difícil de acontecer, pois, se a memória não funcionar de uma forma, há outro modo similar de acionamento através da vida onírica.

Seguindo novamente a analogia de Freud, é como se, neste caso da mãe e do filho, houvesse uma *força psíquica* da memória capaz de alertar a mãe para um conseqüente desfecho durante o estado de despertar. Esta força psíquica da relação da mãe com o bebê é tão potente que o triste desfecho do bebê ao cair da cama passa a ser um caso raro. Podemos, portanto, legitimamente dizer: “o que quer que o sonho possa nos oferecer, ele obtém seu material da realidade, e da vida psíquica centrada sobre essa realidade” (FREUD, 2014, p. 20). É, pois, do mundo natural tão como ele é e da assimilação psíquica deste mundo que o indivíduo cria imaginações, pensamentos ou memórias que coverberam na vida onírica. Em outras palavras, a construção de imagens do sonho reflete as experiências conscientes do mundo real que se transformam, posteriormente, em lembranças. Estas lembranças são o material psíquico, por excelência, dos sonhos. No caso da mãe e do filho, a mãe simplesmente não se desperta com a trovoadas porque o som não se assemelha com o pequeno choro do bebê. É como se o choro do bebê tivesse uma experiência subjetiva consciente própria e singular que a mãe houvera captado como uma lembrança em sua memória desde os primeiros contatos com o bebê.

Como os *fantasmas invisíveis* relatados por Bergson anteriormente, Freud vê algo similar quando diz que o sonho normalmente capta aquelas lembranças que há muito tempo foram perdidas. Freud diz: “naquilo em que de há muito não pensamos, o que de há muito já perdeu toda a importância para nós: o sonho incansavelmente nos faz lembrar disso” (FREUD, 2014, p. 25). É muito difícil tentar explicar o porquê de uma lembrança há muito tempo perdida voltar animicamente a fazer parte da psique do indivíduo. A estes sonhos de acesso a recordações a priori indisponíveis ao indivíduo desperto, Freud denominou de sonhos *hipermnésicos*. Na verdade, este tipo de sonho se caracteriza pela acentuação e/ou intensidade de eventos ou episódios passados que resolvem, por algum motivo, retornar à vida psíquica do indivíduo. Não é o sonho da mãe e do filho adormecidos como vemos anteriormente, mas é um



sonho que se projeta ao indivíduo como a sucinta lembrança de uma luva empoeirada que estava guardada há muito tempo na gaveta e pertencia ao meu avô. O sonho aparece ao indivíduo como uma espécie de relampejo, subitâneo e preciso.

Freud (2014, p. 28) se questiona: “por que não sonhamos sempre com as impressões da memória dos dias recentemente vividos, mas, pelo contrário, mergulhamos, muitas vezes sem qualquer motivo aparente, em um passado muito remoto, quase extinto?”. Para esta questão, percebe-se a especial preferência da memória onírica pelo indiferente, pelo obscuro ou o inatingível e, assim, pelo despercebido das vivências da vigília. O fato é que nada que tenhamos possuído mentalmente em um dado momento pode perder-se totalmente. Freud (2014) é um dentre outros estudiosos que não consegue explicar o porquê da memória onírica preservar o dado insignificante como a lembrança de uma verruga na testa de um estranho. Ou porque invés de o indivíduo sonhar com fatos recentemente vividos, ele sonha com um passado muito distante, quase inapreensível de tanto remoto, como a lembrança de uma luva escondida no escuro de um porão. Há, pois, muito o que de fato descobrir sobre as mais escuras profundezas da memória onírica. Se Freud não conseguiu descobrir a causa psíquica do ato de lembrar coisas de um passado muito remoto, quem de nós poderá descobrir? Resta-nos supor algumas hipóteses a partir da análise das imagens de nossos sonhos.

Hipoteticamente, foi com base em Freud, que Bergson salientou a importância dos mecanismos sensoriais na elaboração dos sonhos. Freud (2014, p. 31) diz: “não conseguimos afastar inteiramente os estímulos dos órgãos do sentido, nem suspender a excitabilidade de nossos órgãos sensoriais”. E ele continua: “o fato de estímulos mais fortes poderem nos acordar a qualquer hora serve-nos de prova que também no sono a psique permaneceu em contato constante com o mundo extracorpóreo” (FREUD, 2014, p. 31). É aquele velho pensamento de que a sensação é encoberta pela lembrança. Como nos casos da mãe e do bebê adormecidos e o velório do filho de um rapaz, é impossível separar a excitabilidade dos órgãos sensoriais no momento do sono, bem como na vigília. Estes órgãos permanecem a todo instante alertas para uma possível captação, seja de um ruído ou a sensação de calor, do mundo extracorpóreo. Uma luz forte incidida nos nossos olhos ou um mosquito que nos pica pode alterar profundamente o percurso de nossas imagens de sonho quando estamos adormecidos. Em síntese, todo ruído indistintamente percebido, como o do bebê, pode despertar imagens oníricas correspondentes.

Um sonho correspondente foi o de Maury relatado por Freud em seu livro *A interpretação dos sonhos*, segue o relato:

Ele estava doente e acamado em seu quarto, sua mãe encontrava-se a seu lado. Sonhou então com o Reinado do Terror, na época da Revolução, testemunhou pavorosas cenas de assassinatos e foi finalmente levado perante o tribunal. Lá viu Robespierre, Marat, Fourquier-Tinville e todos aqueles sombrios heróis daquela época cruel, foi interrogado, condenado depois de vários



incidentes que não conseguia fixar na memória e então, acompanhado por uma multidão, conduzido ao local de execução. Ele sobe ao cadafalso, o carrasco amarra-o à prancha; ela vira; a faca da guilhotina cai; ele sente como sua cabeça é separada do tronco, acorda nesse momento de medo inominável - e viu que a cabeceira da cama caíra e acertara realmente suas vértebras cervicais, como se tivesse sido a faca da guilhotina (FREUD, 2014, p. 34-35).

Este relato nos prova o quanto as sensações corpóreas, ou seja, a ligação da sensação com o objeto, pode nos evocar em sonho imagens as vezes similares, as vezes distintas com o ocorrido no entorno espacial. Vemos que o acontecimento descrito por Freud e vivenciado por Maury tem uma relação precisa com seu sonho. A queda da cabeceira da cama em suas vértebras no espaço sensório-motor foi a causa de o indivíduo sonhar com a guilhotina, com a sua execução. Possivelmente, acontece que a tal cabeceira, por uns milésimos de segundos antes, já havia caído em suas vértebras, provocando a sensação de um peso muito agudo em seu pescoço que, em sonho, seria a guilhotina. Isto faz crer no fato de que o estímulo atuante sobre os sentidos durante o sono não surgiu no sonho em sua figura real, é, pois, substituído por uma representação qualquer de alguma maneira ligada a ele. Mas, por que isto acontece? Freud tem a resposta: “se alguém sai a passear em campo aberto e tem uma percepção indefinida de um objeto distante, pode pensar de início que se trata de um cavalo. Observando mais de perto, pode vir a interpretação de uma vaca deitada, e finalmente a ideia se transforma definitivamente em um grupo de pessoas sentadas” (FREUD, 2014, p. 37). De natureza semelhante, são as impressões que a psique recebe no sono por meio de estímulos externos. A psique, então, cria ilusões com base na sensação percebida no local do sono, como no caso da cabeceira da cama que caiu sobre Maury. Esta impressão, portanto, passa a ter um valor psíquico quando confrontada com a sensação extracorpórea, culminando na elaboração de uma imagem onírica indefinidamente similar.

Só mais a título de exemplificação, Freud escreve sobre um relato de um homem chamado Simon. Freud diz: “Simon relata, por exemplo, um sonho no qual ele via pessoas gigantescas sentadas à mesa e ouvia nitidamente o pavoroso estalar de suas mandíbulas batendo uma sobre a outra ao mastigar. Quando acordou, ouviu o bater dos cascos de um cavalo que passava a galope por sua janela (FREUD, 2009, p. 37). Mais uma vez, fica nítido que a sensação de um corpo estranho à sua volta (como o bater dos cascos de um cavalo) é encoberta pela imagem do sonho de um mastigar de pessoas robustas sentadas à mesa. Para o sonhante, a sensação *a priori* se torna um “corpo estranho” pelo simples fato de que o sonhante ainda não despertou a ponto de reconhecer que o mastigar dos gigantes era na verdade a passagem a galope de um cavalo próximo à sua janela. Possivelmente, este ruído dos cascos do cavalo foi percebido a uma certa distância, produzindo fantasmaticamente o som de mandíbulas mastigando. Por ser incapaz de reconhecer em sonho qual seria a origem daquele ruído, o sonhante reconstrói psiquicamente e estranhamente uma sonoridade equivalente à apreensão sensorial percebida junto à



janela. Mas, a priori, ele não sabe de onde vem aquele ruído, por isso, em sonho, associa o tal ruído com o mastigar ininterrupto de pessoas gigantes. O fato de ser “pessoas gigantes” deve ser por conta da força dos cascos do cavalo que ressoa a imagem do mastigar destas pessoas.

Como vê-se, as imagens visuais são o componente principal de nossos sonhos. Em segundo lugar, a audição. Os outros sentidos têm uma contribuição mínima e inconstante (FREUD 2014). Percebemos como, durante o sono, a psique adquire uma consciência sensorial bem mais profunda e ampla de sua corporeidade do que quando se estar desperto. Isto é verificável porque, quando se estar dormindo e sonhando, os órgãos dos sentidos estão bem mais relaxados e, no silêncio absoluto da noite, pode-se ouvir mais nitidamente o possível barulho externo. Sabemos que só o fato de se fechar os olhos e concentrar-se, podemos ouvir mais facilmente os ruídos externos, a acentuação deste ruído aumenta mais exponencialmente quando estamos dormindo. Como podemos perceber, o sonho não possui relação apenas com fatos puramente interiores (sistema interoceptivo), mas também com impressões que vêm de fora (sistema exteroceptivo). Assim, o sonho não é um caso assujeitadamente misterioso como Bergson afirmara, é possível, no entanto, compreendê-los partindo-se de sua minuciosa análise. É o que iremos constatar com a análise dos sonhos de alemães no Terceiro Reich no tópico a seguir.

## A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS NO TERCEIRO REICH

O Terceiro Reich foi conhecido na Alemanha no início do século XX, mais precisamente, em 1933, ano de ascensão política de Hitler, como um reino de horror e violência perpetrada contra o povo judeu. A esta época, a inteligente pesquisadora de origem alemã Charlotte Beradt teve a minuciosa pretensão de capturar e reunir cerca de trezentos relatos de sonhos de pessoas que viviam na Alemanha entre 1933 e 1939. A compilação destes testemunhos deu origem ao livro *Das Dritte Reich des Traums* (*Os sonhos no Terceiro Reich*) publicado originalmente em 1966. Até sua morte, em 1986, Beradt desempenhou um importante papel no processo de desnazificação da cultura alemã, afinal, no corpo deste povo ainda continha as raízes cristalizadas do antissemitismo, do preconceito e da intolerância contra o povo judeu. Segundo o psicanalista Christian Dunker (2017, p. 11), “a brilhante intuição de Beradt levou-a a colecionar, guardar e organizar esses sonhos em um momento histórico de extremo antagonismo ao desejo”. “Antagonismo ao desejo” porque, naquela época, as pessoas não eram livres, mesmo dotadas de uma racionalização sobre as coisas, eram, porventura, manipuladas e perseguidas fosse dia ou noite. Com certeza, a psique destes indivíduos estava profundamente abalada, repercutindo em sonhos que atestam uma neurose acentuada da época de sofrimento em que viviam. O teor de angústia dos sonhos aqui apresentados é muito grande. A maioria deles expõe dramaticamente o desejo



de salvar-se, muitas vezes, tendo que aderir ao sistema e, ainda, o desejo de fazer resistência ou justiça, interpelando o perigo.

Durante o nosso percurso, tentarei analisar alguns dos relatos de sonhos capturados no fervor da guerra por Beradt e tentarei responder aos seguintes questionamentos: 1) Como eram os sonhos destes indivíduos naquela época de guerra mundial? 2) Com o que mais eles sonhavam? 3) Quais as características mais marcantes nestes sonhos? 4) Quais os símbolos nos sonhos que atestavam para o horror da guerra? 5) Como estes sujeitos lidavam com seus sonhos e/ou pesadelos? 6) Há, nestes sonhos, fantasmas invisíveis? 7) Como é construída a dinâmica entre sensação e sonho? Pretendo, pois, não esgotar o tema, conferindo apenas uma sutil abordagem sobre este período de nossa história tão difundido e estudado nas últimas décadas. Nos relatos de sonhos que se seguem a seguir, perceberemos mais de perto (como se estivéssemos vivenciando o momento), a dimensão da angústia frente ao caos, um certo tipo de repetição traumática que impulsiona o sonhador a acordar. O horror, portanto, estava por toda parte, tanto na vigília (o horror escancarado), quanto adormecido (o horror equiparado). Os vivos não podiam nem dormir para esquecer aquelas experiências compartilhadas dia a dia. O cotidiano era forte, nebuloso, violento. Não tinha como se privar destes pesadelos reais, em carne e osso. Um fato importante: estes sonhos do Terceiro Reich poderiam ajudar a interpretar a estrutura de uma realidade prestes a se tornar pesadelo. E um dos objetivos de Beradt foi este mesmo: partindo-se da contação dos sonhos, tentaria-se “amenizar” o sofrimento daqueles pobres sujeitos.

No intuito de levar o leitor a partilhar conosco a angústia tão sofrida por estes indivíduos, selecionamos, para análise, alguns destes relatos de sonhos. Sabemos que, para o indivíduo recontar a trajetória minuciosa de seu sonho, ele precisa normalmente escrever o relato do sonho durante a madrugada ou mesmo nos primeiros minutos do dia. Este posicionamento dar uma certa autenticidade ao relato e a maioria dos indivíduos que foram entrevistados por Beradt seguiu à risca este protocolo. Apesar disso, como nós tratamos de relatos e/ou testemunhos, claramente, pode-se constatar pequenas ou grandes falhas no processo de testemunhar o sonho, pois nem sempre o relato será altamente fidedigno. Haverá, portanto, alguns acréscimos, disjunções, remodelamentos, etc. Como a própria Beradt (2017, p. 35) disse: “é evidente que as imagens dos sonhos que colhi foram às vezes retocadas pelos sonhadores, de forma consciente ou inconsciente”. Ainda com medo de que seu livro fosse parar nas mãos dos nazistas e, conseqüentemente, na fogueira, Beradt escondeu estas histórias em uma ampla biblioteca, atrás de alguns livros, esperando que eles resistissem à alguma situação de emergência. Segue o primeiro relato de sonho de uma mulher de trinta anos sem profissão:

Estou sentada, muito bem arrumada e penteada, trajando um vestido novo, no camarote da ópera, que é enorme, com muitos balcões, e desfruto dos olhares de admiração. Apresentam ali minha



ópera favorita, A flauta mágica. Depois do trecho ‘Das ist der Teufel sicherlich’ [É com certeza o diabo], um esquadrão da polícia entra marchando com passos fortes, diretamente em minha direção. Com a ajuda de uma máquina, eles constataram que, ao ouvir a palavra ‘diabo’, *eu pensara em Hitler*. Vejo-me suplicando por ajuda em meio a todas as pessoas vestidas solenemente. Mudas e inexpressivas, elas se olham; mas nenhum rosto mostra compaixão. Ainda que o velho senhor no camarote vizinho pareça, sim, distinto e bondoso, quanto tento olhar para ele, ele cospe em mim (BERADT, 2017, p. 47-48, grifo próprio).

Este é um tipo de relato de um sonho assujeitadamente construído porque embora imaginado a partir de uma experiência consciente subjetiva, o relato, em sua totalidade, descreve o pavor que foi *pensar* naquele dado instante em Hitler. Assim como este relato, a grande maioria dos cidadãos alemães sonhavam com teatros, óperas ou salas amplamente cheias de gente, constatando, por hipótese, a iminência viva do contraste característico entre judeus e nazistas ou pensando mais fortemente nas aglomerações de uma época típica de guerra. Neste relato, é como se a depoente (a sonhante) o tempo todo estivesse sendo vigiada e perseguida pelas pessoas ao seu redor. De olhares de admiração a olhares pretensiosos. Até aí, não há nenhum desfecho local que ateste um movimento de ruptura da narrativa. No início, está tudo maravilhoso porque, bela e linda, ela está numa famosa ópera da Alemanha ouvindo a sua canção favorita, a “flauta mágica”.

Numa parte da referida canção, eles cantam: “é com certeza o diabo”. Imediatamente, a sonhante *pensa* que o diabo seria Hitler. E subitamente, sem ela menos esperar, entra um esquadrão da polícia que vai à sua direção com uma máquina em mãos, a qual ela imaginara em sonho que seria um possível detector de pensamentos. Após este fato, a narrativa passa a enquadrar um novo rumo cujo desfecho seria a acusação ilusória de seu pensamento. Assim, as pessoas da ópera passam a enxergá-la com olhares de acusação. Vejam como a psique destes indivíduos naquela época estava profundamente abalada de modo a pensar sempre, em meio à situação, como vítimas de um sistema totalitário. Em sonho, a sonhante sofria, na verdade, de uma mania de perseguição até pelo viés do pensamento. É como se, embora o ato de pensar fosse naturalmente livre, ele era também assujeitadamente controlado pelos nazistas. Vejam que nós, como seres conscientes, podemos pensar a qualquer instante em qualquer coisa, mas, na época do Terceiro Reich, o medo e a angústia eram tão evidentes, que até psiquicamente o sujeito poderia ser condenado e sentenciado por algum pensamento contrário à disseminação do nazismo.

Mas, claro, sabemos que não existe nenhuma máquina que seja capaz de averiguar e controlar nossos mais profundos pensamentos, mesmo que eles sejam obscuros e danosos à nossa existência. Mas, o fato é que a disseminação do horror era tão forte que não era mais possível simplesmente pensar. O sujeito, naquela época, tornava-se neurótico a ponto de imaginar e criar artefatos ou coisas que pudessem, de uma certa maneira, controlá-lo até psiquicamente. Foi o caso desta mulher. Ela vivia na





pele aquele horror do nazismo, aquela vida circunscrita a constantes perseguições. A sua psique, possivelmente, encontrava-se alterada e, até certo ponto, iludida. Não havia outra coisa a pensar a não ser que Hitler seria a personificação do diabo, toda a Alemanha estava sujeita a suas discernições, aos seus atos vertiginosamente violentos e perigosos. Por pensar que, em algum lugar desta terra, fosse possível encontrar ajuda, a mulher viu ao seu lado um velho que parecia ser bondoso, mas este mesmo velho olhou para ela e cuspiu-a. Confirmando que, a todo instante, os seus pensamentos estavam sendo controlados. Fica evidente, pois, um caso de neurose obsessiva e uma profunda mania de perseguição. Na opinião de Beradt (2017, p. 48), “ela criou essa máquina como símbolo de dominação sobre o corpo e a mente, da espionagem que está por toda parte, do automatismo dos processos, em uma época em que ela não tinha conhecimento de aparelhos controlados à distância”. No caso do sonho desta mulher, podemos ver uma disjunção quase esquizofrênica entre aquilo que vivencia e aquilo que observa. O próximo relato é o de uma dona de casa:

Ela fala com a voz rangente de um oficial. Meu primeiro pensamento: simplesmente apagar a luz e ficar na escuridão salvadora. Mas aí digo: não adiantará nada. Corro para minha amiga, que possui um livro com interpretação de sonhos, abro na página de lâmpadas e leio - lâmpada significa apenas ‘doença grave’. Fico aliviada por um instante, até me lembrar de que hoje em dia, por precaução, as pessoas usam a palavra ‘doença’ como senha de prisão. Desespero-me de novo, exposta àquela voz rangente incessante, apesar de não haver ninguém ali para me prender (BERADT, 2017, p. 66-67).

Neste relato de sonho, na verdade, quem fala com voz rangente é o abajur da mesa de cabeceira da dona de casa que, em sonho, é representado como a voz de um oficial, pelo visto, nazista. Em sonho, a dona de casa se ver pronta para dormir, mas o abajur dela fala com um tom firme que relembra a voz de um oficial da SS. Temida, ela vasculha um livro que diz que sonhar com lâmpadas ou similares significa uma doença grave. Mesmo assim, sente-se aliviada. Mas, por um pensamento súbito, lembra que no tempo da Alemanha em que vive, as pessoas usam a palavra ‘doença’ como senha de prisão. Mas, de todo modo, o que fica salientado neste relato é que a depoente sofre de um transtorno chamado alucinação hipnagógica. Trata-se de imagens muitas vezes vivas e mutáveis que costumam ocorrer ao adormecer, em algumas pessoas até regularmente, e que podem também permanecer por algum tempo depois de abrir os olhos.

Possivelmente, neste relato em particular, a dona de casa tinha sonhado com um abajur falando coisas no idioma alemão e que, quando acabara de despertar, percebeu nitidamente e de modo alucinatório, que realmente o abajur estava “falando”. Este é um tipo de neurose advinda de excitações sensoriais subjetivas. A depoente cria subjetivamente uma situação que até certo ponto se tornara real, mas que, na verdade, não passava de uma alucinação. Mesmo assim, durante o curso do acontecimento,





a mulher acredita que aquela voz que sai do abajur é mesma real a qual está fazendo parte de sua vida ordinária. É como se o objeto alucinado, neste caso, o abajur, fosse mais perceptível do que o ambiente real ao redor do sujeito. No entorno espacial do seu quarto, o abajur que “fala” toma o centro de destaque de toda a narrativa. É um caso específico de psicose que se caracteriza pelo delírio e a esquizofrenia. Na maioria dos casos, o paciente vê coisas naturalmente inanimadas tomarem uma forma de realidade, acreditando ilusoriamente que aquilo tem vida própria.

Um caso parecido aconteceu com um dos pacientes de Dr. Freud, o denominado Maury que, no tópico anterior, me referir ao seu sonho sobre a guilhotina. Este paciente teve uma alucinação hipnagógica que Freud a descreveu assim: “Uma outra vez, sofrendo com a sensação de fome devido a uma dieta que se obrigara a fazer, ele viu hipnagoticamente uma tigela e uma mão segurando um garfo e retirando um pouco do alimento da tigela. No sonho, encontrava-se sentado a uma mesa farta, ouvindo o ruído produzido pelos garfos das pessoas que banquetavam” (FREUD, p. 2014, p. 39). Parecido com o caso de Simon também relatado por Freud e descrito anteriormente aqui em que os cascos do cavalo à sua janela lhe apareciam hipnagoticamente como mandíbulas mastigando, o caso de Maury é um típico delírio alucinatório. Por conta da sensação de fome, mais uma vez as excitações sensoriais internas, Maury vê à sua frente garfos, comidas e uma mesa farta. Neste caso, podemos dizer que aí surgiu um estímulo-resposta. A fome de Maury era tanta que sua mente acionou mecanismos que pudessem, de alguma forma, satisfazê-lo. Essas sensações subjetivas de ilusões oníricas acontecem logo após de o indivíduo despertar em que “as áreas amorfas de luminosidade se tornam visíveis quando o campo visual é obscurecido” (FREUD *apud* Wundt, 2014, p. 38).

Vamos ao próximo relato de uma jovem: “sonho que acordo no meio da noite e vejo que os dois anjinhos pendurados sobre a minha cama não olham mais para cima, mas para baixo, observando-me penetrantemente. Fico tão assustada que me escondo embaixo da cama” (BERADT, 2017, p. 68). Parece um sonho até certo ponto grotesco ou infantil, mas, se pensarmos bem, ele representa uma alucinação hipnagógica. Em sua aparente realidade, os anjinhos estão, de certo modo, olhando para cima, vislumbrando a existência do reino celestial. Mas, por conta das excitações sensoriais subjetivas da jovem potencializadas pelo horror que vivencia da ascensão do nazismo, ela vê os anjinhos olhar para baixo, ou seja, para o reino infernal. Mais uma vez, a psique deste indivíduo está profundamente abalada a ponto de ela ver hipnagoticamente o reino do mal. É como se o olhar para baixo dos anjinhos redimensionasse uma realidade atualmente sofrida pelos cidadãos alemães: a ascensão de Hitler, o qual seria o demônio, e a mortificação de pessoas indefesas e inocentes. O estado de choque e deflagração do horror existente à época excita os órgãos sensoriais subjetivos da jovem fazendo ver ou antecipando a origem da disseminação do ódio e a segregação dos inocentes. Ainda assim, aos anjinhos olhando



penetrantemente para a jovem representa que os alemães, naquela época, estão sendo vigiados o tempo todo.

Outro sonho de um homem jovem da mesma época dizia: “sonho que sonho apenas com retângulos, triângulos e octógonos, que de algum modo parecem biscoitos de Natal, pois é proibido sonhar” (BERADT, 2017, p. 71). A neurose é tão evidenciada nos corpos destes indivíduos que eles são proibidos até de sonhar um sonho relativamente livre. Aqui, não existe livre-arbítrio. Ao sonhar apenas com formas geométricas, entre eles, os retângulos, podemos supor que o jovem estava antecipando a futura construção em escala potencial de grandes campos de concentração, de Dachau a Auschwitz. Sonhar com estas formas geométricas é como se o jovem quisesse abstrair também o reino do horror, sonhando com coisas altamente abstratas, estranhas e sumamente desconhecidas. Segue outro relato, agora, de um médico oftalmologista de 45 anos que sonhou em 1934 o seguinte:

A SA instala arames farpados nas janelas dos hospitais. Jurei para mim mesmo que não admitiria isso em minha seção, caso chegassem com seu arame farpado. Mas acabo permitindo que o façam e fico ali, a caricatura de um médico, enquanto eles quebram os vidros e transformam um quarto de hospital em campo de concentração com arames farpados. Mesmo assim, sou demitido. Porém, sou chamado de volta para cuidar de Hitler pois sou o único no mundo que pode fazê-lo: fico tão envergonhado de meu orgulho que começo a chorar (BERADT, 2017, p. 78).

De acordo com o relato, este médico oftalmologista costuma ser visto como uma caricatura de si mesmo, nas palavras de Beradt (2017, p. 79), “uma caricatura traçada precisa e friamente por um lápis em seu interior, no esforço de conciliar o inconciliável”. De certo modo, o médico se ocupava obstinadamente da palavra *Stacheldraht* (“arame farpado”) vislumbrando uma profecia: a da futura construção dos complexos dos campos de concentração que, até onde sei, começou logo após o ano do relato do sonho, em 1934. O médico, porventura, não pensara que até o seu consultório fosse alvo dos nazistas a ponto de, eles mesmos, colocarem arames farpados, ilustrando uma prisão. A sua mente estava tão concentrada na angústia horripilante por arames farpados que o seu local próprio de trabalho passou a ser também um campo de concentração. A semântica dos arames farpados e dos cacos de vidros é tão subjetivamente representada no sonho do médico que, como oftalmologista, ele podia pensar que os arames farpados e os cacos de vidros poderiam ser perigosos artefatos para os seus clientes, os deficientes visuais. Isto acontece justamente para mostrar que o sonho tem uma íntima relação com a experiência subjetiva do sonhante. Mas, ainda assim, os cacos de vidros poderiam representar também uma outra profecia que acontecerá muitos anos depois, em 1938: o fato conhecido como a “Noite dos Cristais” em que os nazistas saqueadores destruíam lojas, vitrines e todo o comércio que aparecia pela frente, seguindo uma ordem de Hitler.



O próximo sonho é o de uma secretária de trinta anos, ela sonha: “preciso fugir com minha mãe. Corremos como loucas. Ela não aguenta mais. Coloco-a sobre minhas costas e continuo a correr. O peso dela me faz sofrer de uma maneira indescritível. Depois de muito tempo, percebo que estou me martirizando com uma morta. Um sentimento horrível de alívio toma conta de mim” (BERADT, 2017, p. 85). A súbita necessidade de fugir não sei pra qual lugar remonta o sofrimento devastador de judeus inocentes em que eram perseguidos constantemente pelos nazistas. Durante este período, muitos domicílios foram abandonados, muitos judeus ainda deixaram a sua terra natal em busca do desconhecido, numa aventura que nem eles mesmos sabiam aonde iria parar. Esta secretária era filha de um casamento misto, seu pai cristão havia morrido e ela vivia junto com sua mãe querida, judia. Segundo Beradt (2017, p. 83), “após o decreto das Leis Raciais, no inverno entre 1936 e 1937, a situação se agravou ainda mais, a secretária passou a ter uma série de sonhos, todos focados na ideia de se distanciar ou se livrar da mãe”. Este sonho desperta no leitor a imagem da loucura de uma jovem mulher que foi desencadeada logo após o decreto das Leis Raciais. Por ser judia, ela lutava para não ser reconhecida como uma raça relativamente inferior. No sonho, embora a filha leve nas costas a mãe, fica nítido o lema “salve-se quem puder”. Após constatar que a sua mãe estava morta, ela sente surpreendentemente um alívio, sinal da determinação e imposição do sistema totalitário na extinção da raça judia e por conceber ainda uma racionalização absoluta para o povo judeu. As leis e diretrizes eram tão disseminadas naquela época, que não ficava espaço para o pensamento livre (“é assim e tem que ser assim”). É claro o ódio da filha pela mãe, sentimento criado possivelmente por conta da imposição de leis bruscas e totalitárias.

Por fim, o último relato, desta vez é o de uma moça de 22 anos, com um nariz fino e bastante curvo, que destaca seu rosto, acredita aparentemente que todos a consideram judia. Ela sonha:

Um tranquilo passeio em família. Minha mãe e eu trazemos um pacote com um bolo e uma pasta com documentos com nossa genealogia. De repente, um grito: eles estão chegando. Cada um dos clientes do café à beira do Havel sabe quem são ‘eles’ e qual é nosso crime. Fugir, fugir, fugir. Procuro um esconderijo no alto. Devo subir na árvore? Ou me esconder em um armário dentro do café. De repente estou deitada embaixo de um monte de cadáveres, sem saber como esses corpos foram parar ali - mas finalmente tenho um bom esconderijo. Felicidade plena, sob um monte de cadáveres e com minha pasta embaixo do braço (BERADT, 2017, p. 95).

Este relato é trágico para não ser cômico. Como uma moça, em pleno ascensão do nazismo, consegue ter felicidade plena em meios a tantos cadáveres? Na verdade, este é um relato premonitório, pois, dez anos mais tarde, em 1945, se veria a “solução final”: cadáveres amontoados um em cima do outro em decomposição nos campos de concentração. Como ter felicidade em meio a este triste episódio? A moça, em sonho, estava muito mais preocupada com sua integridade física (o medo de ser



reconhecida como judia, pois nos documentos que levava consigo continha sua genealogia), que nem se preocupou com o ambiente constituído por cadáveres. Vemos, mais uma vez, a ânsia do povo alemão em, de certo modo, escapar da “solução final”, de ser mais um cadáver em meio a tantos outros.

## CONCLUSÃO

A título de conclusão, podemos dizer que o sonho exerce papel fundamental na vida dos seres humanos. Podemos concordar com o neurocientista Sidarta Ribeiro (2019) ao nos dizer que o curso do sonho é quase sempre imprevisível, ou seja, nós, enquanto seres dotados de uma consciência, não podemos prever o fluxo de sonhos que poderá ocorrer quando vamos nos adormecer. Vimos que a lógica composicional dos eventos nos sonhos é fluida e errática em comparação com a realidade. O tempo e o espaço nos sonhos são distintos do curso espaço-temporal que acontece no mundo real. “A sucessão de imagens, em sua totalidade, se caracteriza por descontinuidades e cortes abruptos que não experimentamos na vida desperta” (RIBEIRO, 2019, p. 14). Por isso que afirmamos que a constelação de imagens revela-se a partir do poder de transmutação das representações mentais. À questão: existe lógica por trás do sonho? Respondemos com argumentos que nos levam a crer que se a própria materialidade do sonho são as memórias constituídas por imagens, então, a associação destas imagens é, apesar de anímica por natureza, também descontínua, por isso que a recuperação destas imagens no sonho não acontece dentro de um curso linear, ao contrário, surge a partir de conexões abruptas entre uma imagem e outra, formando uma teia significativa, embora bastante errática.

Sobre a análise e designação dos sonhos no Terceiro Reich, podemos inferir que a inteligente Charlotte Beradt (2017) teve uma sagacidade aguda a ponto de deixar para a próxima era relatos de sonhos contundentes e muito reais, embora construídos dentro de um mundo fictício. Mas, o sonho advém de uma estrutura de ficção por conta da presença da imaginação. Pensamos para depois imaginar e cocriar cenas essencialmente virtuais. Tudo se passa como se fosse um filme privado, único e singular. Os relatos de sonhos de Beradt aqui apresentados e analisados levam-nos a crer que o Terceiro Reich foi um sistema totalitário que não deixara nenhum ser vivo escapar da condição humilhante e segregatória que todos deveriam passar. Com estes relatos de sonhos, chegamos muito próximos da experiência subjetiva destes sonhantes a ponto de dizer que a vida desperta e a vida onírica têm relações muito similares, desde uma imagem de sonho que se apresenta como uma profecia, desde uma imagem de sonho que nos mostra o passado, recente ou não, de seres que sofreram a angústia deste sistema “civilizatório”. Resta-nos, enquanto pesquisadores, apreender e interpretar estes sonhos para, até certo ponto, guiar-nos na compreensão deste mundo contraditório, às vezes selvagem, às vezes anormal.



## REFERÊNCIAS

BERADT, C. **Os sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três estrelas, 2017.

BERGSON, H. “O sonho”. *In*: BERGSON, H. **A energia espiritual**. São Paulo: Martin Fontes, 2009.

DUNKER, C. “O sonho como ficção e o despertar do pesadelo”. *In*: BERADT, C. **Os sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três estrelas, 2017.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Editora Lafonte, 2014.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



## BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 12 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

### Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

### Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima